

WEIL, Eric. La morale de Hegel. In: *Études hégéliennes*. Neuchatel: Éditions de la Bacornière, 1955.

O HOMEM E O PÓS-MODERNO: “BREVE COMENTÁRIO SOBRE O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE HOMEM COMO INDIVÍDUO NO FIM DO SÉCULO XX”

Pablo Dutra Martuscelli

E somente sobre esta agora sólida e granítica fundação de ignorância pode o conhecimento se levantar até o infinito – e o desejo pelo conhecimento, numa fundação de um mais poderoso desejo: o desejo à ignorância, ao incerto, ao não verdadeiro.

Friederich Nietzsche. *Além da consciência do bem e do mal.*

Sumário

1. Introdução. 2. Aspectos iniciais. 3. Do conceito de pós-modernidade. 4. Da desconstrução do conceito de indivíduo. 5. A busca por um novo referencial. 6. A morte do homem. 7. Da ética dos direitos humanos. 8. Política – “Ética”? 9. Ideologia. 10. Tecnologia – “Ditadura dos Ciberintelectuais”? 11. Conclusão. 12. Bibliografia.

1 INTRODUÇÃO

A crise dos paradigmas da modernidade culminam necessariamente no debate pós-moderno. Enquanto a modernidade dividiu o embate filosófico em duas correntes essenciais, a do liberalismo e a do socialismo, o pós-moderno, antes de criar opções, é a corporificação dos dilemas da modernidade, pelo fim desta e pela desconstrução de suas resultantes.

O debate pós-moderno, hoje um tanto “inseparável” dos anseios neoliberais do mundo capitalista, refere-se à desconstrução do homem e do seu *status* jurídico-social.

Não se poderia, sob pena de sacrificar o cerne de todo debate ético, deixar de mencionar que a constante perceptível na realidade social que nos circunda é um grande recrudescimento do discurso dos direitos humanos, o qual, atualmente, em vez de fomentar o seu fortalecimento, é niilista, é negador de tudo o que foi alcançado até então.

A crítica formulada ao atual discurso dos direitos humanos pressupõe marcos iniciais, jurídicos, econômicos e sociológicos, os quais serão oportunamente abordados no decorrer presente trabalho.

2 ASPECTOS INICIAIS

Os últimos anos do século XX não foram marcados apenas por uma extraordinária explosão do desenvolvimento tecnológico. A despeito do culto à racionalização (tanto da ciência como dado objetivo, quanto do comportamento, como dado subjetivo), eles foram marcados por um milenarismo invertido, no qual premonições acerca do futuro, catastrófico ou redentor, foram trocadas pelos sentidos de fim de tal ou qual objeto (o fim dos marcos referenciais das classes sociais, fim do leninismo, da social-democracia ou do *welfare state*), donde que, juntos, tais fatores, em linhas gerais, podem constituir uma tendência que é crescentemente chamada de *pós-modernismo*.

1 INTRODUÇÃO

A crise dos paradigmas da modernidade culminam necessariamente no debate pós-moderno. Enquanto a modernidade dividiu o embate filosófico em duas correntes essenciais, a do liberalismo e a do socialismo, o pós-moderno, antes de criar opções, é a corporificação dos dilemas da modernidade, pelo fim desta e pela desconstrução de suas resultantes.

O debate pós-moderno, hoje um tanto “inseparável” dos anseios neoliberais do mundo capitalista, refere-se à desconstrução do homem e do seu *status* jurídico-social.

Não se poderia, sob pena de sacrificar o cerne de todo debate ético, deixar de mencionar que a constante perceptível na realidade social que nos circunda é um grande recrudescimento do discurso dos direitos humanos, o qual, atualmente, em vez de fomentar o seu fortalecimento, é niilista, é negador de tudo o que foi alcançado até então.

A crítica formulada ao atual discurso dos direitos humanos pressupõe marcos iniciais, jurídicos, econômicos e sociológicos, os quais serão oportunamente abordados no decorrer presente trabalho.

2 ASPECTOS INICIAIS

Os últimos anos do século XX não foram marcados apenas por uma extraordinária explosão do desenvolvimento tecnológico. A despeito do culto à racionalização (tanto da ciência como dado objetivo, quanto do comportamento, como dado subjetivo), eles foram marcados por um milenarismo invertido, no qual premonições acerca do futuro, catastrófico ou redentor, foram trocadas pelos sentidos de fim de tal ou qual objeto (o fim dos marcos referenciais das classes sociais, fim do leninismo, da social-democracia ou do *welfare state*), donde que, juntos, tais fatores, em linhas gerais, podem constituir uma tendência que é crescentemente chamada de *pós-modernismo*.

Desde o início, labora-se no sentido de desconsiderar tais “metanarrativas”, as quais se referem à totalidade da realidade e dos processos de produção da verdade. Percebe-se que, todavia, muitos pós-modernistas acreditam que a tendência ao esclarecimento total, olhando para mitos e leis universais, sob as quais pode-se subsumir a maior parte da natureza humana, obliterou o local (no sentido de escolha individual) do único e do criativo.

São perceptíveis as peculiaridades das construções de cunho pós-moderno por um fator interessante: a constante no atual estágio da pós-modernidade é o processo de desconstrução de todos os objetos do conhecimento tal como os conhecemos.

Não há, e por uma simples razão de justificação, o acatamento de conceitos estritos acerca de premissas consideradas como metanarrativas.

O que se pretende demonstrar é o simples fato de que o que é englobado como metanarrativa pela teorização pós-moderna (e não se poderia deixar de mencionar o processo de desconstrução do conceito de ética em toda a sua evolução, desde a Antiguidade clássica até meados dos anos 50 e 60)⁴ é, não raro, o alicerce de toda a evolução democrática e social alcançada no último século.

Nesse contexto desconstrutivista e antitético, um significativo dilema é descrito por Boaventura Santos,⁵ quando afirma que o projeto da modernidade é caracterizado, em sua matriz, por um equilíbrio entre regulação e emancipação, convertidos nos dois pilares sobre os quais se sustenta a transformação radical da sociedade pré-moderna. E completando seu raciocínio, afirma:

“À medida que a trajetória da modernidade se identificou com a trajetória do capitalismo, o pilar da regulação veio a fortalecer-se à custa do pilar da emancipação num processo histórico não-linear e contraditório, com

4 As datas em questão coincidem com o fim do movimento modernista, o qual, em linhas gerais, promoveu a releitura dos clássicos.

5 SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*, p. 236.

oscilações recorrentes entre um e outro, nos mais diversos campos da vida coletiva e sob diferentes formas: entre o cientismo e utopismo, entre liberalismo e marxismo, entre modernismo e vanguarda, entre reforma e revolução, entre corporativismo e luta de classes, entre capitalismo e socialismo, entre fascismo e democracia participativa, entre doutrina social da Igreja e teologia da libertação.”⁶

Em um mundo caracterizado como “pós”, mas que cada vez mais se mostra como “neo”, toda a conotação social que deveria ser encerrada no ventre do processo de construção democrática perde o seu lugar para o “econômico”, o “internacional” e o “global”, não sendo as confrontações supramencionadas meras antíteses, mas o germe de uma nova tendência cultural latente.

Ficção por ficção, em uma ordem social na qual os conceitos de único, de local e de criativo (no sentido particular e exclusivo da palavra) cedem perante as pressões dos interesses econômicos, internacionais e globais, o desconstrutivismo mascarado pelos processos econômicos é a constante.

É o mundo real, onde as palavras de ordem são “globalização”, “efemeridade” e “dispersão”, onde a discussão reflexivo-filosófica deu lugar à criação de um constante dogmatismo, donde a Ciência passa a ser mera força produtiva do capitalismo.

4 DA DESCONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE INDIVÍDUO

O processo dialético, tal como teorizado por Hegel, pressupõe a capacidade de crítica em relação ao modo como os objetos nos são apresentados. E o campo em que nos são apresentados é a História, a qual nada mais é do que

6 SANTOS, Boaventura de Sousa. *Op. cit.*, p. 236.

a dominação racional da natureza, pressupondo estarem afastadas a subjetividade e as valorações particulares relativas ao processo.

Tomando a racionalidade como instrumento, transformamos o capital de objeto da produção em seu sujeito e os produtores atuais de riqueza em objetos utilizados na criação de lucro.⁷

Apesar de ter-se estabelecido a extinção dos valores de uso pelos de troca, o capitalismo viabilizou a deturpação do desenvolvimento antropológico, agora baseado exclusivamente em uma dominação interna (também do homem-indivíduo-sujeito) e externa da natureza, fazendo com que os referenciais qualitativos cedem diante dos quantitativos. O processo, apesar de enriquecedor, é subjetivamente empobrecedor, dando ensejo, por exemplo, a uma releitura de seus próprios pilares de estabilidade, partindo da crise para um Estado político-social e, consecutivamente, para uma forma neoliberal de atitude.

A despeito de ensejar confusão, ressaltamos que tal processo de reorganização capitalista ocorre apenas nos países centrais, daí por que na periferia do sistema nunca se viabilizou a organização capitalista, e tal nem seria possível. Capitalistas odeiam capitalismo, sendo o neoliberalismo o processo pelo qual os efeitos nocivos do atual estágio econômico são levados à periferia, ou melhor, para os países pobres de Terceiro, Quarto ou Quinto Mundo.

A transformação irracional do que é interno em um mero dado externalizável e sem valor empobrece a individualidade e seu núcleo subjetivo. Aqui, a alienação do indivíduo encontra seu cerne. Nesse momento, não há correlação entre o sujeito e os objetos dele gerados. O sujeito é uma mera ferramenta na produção de algo, qualquer coisa.

O caráter pós-moderno de tais assertivas é que o homem-sujeito passa a estar inserido em uma realidade que poderia chamar-se “falsa condição de exis-

tência”, realidade esta que não permite qualquer tipo de liberdade ou oportunidade. Tal como afirma Chomsky,⁸ “a liberdade destituída de oportunidade é um presente do demônio e a recusa em prover tais oportunidades é criminosa” (tradução livre).

Percebe-se então que, devido o caráter imutável da História, impossível de ser alterado por qualquer ação humana, tal pseudo-realidade deve se extinguir mediante um processo que faça florescer uma nova realidade, aniquiladora de todas as desigualdades, ética e que reconcilie o sujeito ao mundo ao qual pertence, dando-lhe oportunidades de auto-determinação e garantindo uma crescente capacidade de emancipação.

Ora, dita “falsa condição de existência” é a História; o meio de extinção de seus capítulos futuros são os eventos de cunho revolucionário, que hoje deixaram de ter aparência meramente marxista ou leninista e passaram a englobar a luta de diversas organizações rotuladas de “revolucionárias” (curiosamente, o conceito é pós-moderno), tais como o *Green Peace* ou o Movimento dos Sem-Terra (MST).

O fenômeno passa a ser interessante porque um dos aspectos peculiares à caracterização do mundo pós-moderno é a demonstração do fim da luta de classes. Não que se queira considerar tal abordagem apenas como um *cultural affair*. As teorias acerca do pós-modernismo, a despeito de celebrarem ou deitarem-se no divã da linguagem da denúncia ou das revoltas sociais, nos trazem à vista a inauguração de uma sociedade que atualmente é chamada de “pós-industrial”, mas que não deixa de ser considerada como uma sociedade de consumo, da mídia, uma sociedade cibernética ou outras denominações do gênero. Tais teorias têm a missão de demonstrar, em proveito próprio (cabe a crítica formulada acima acerca da formulação de metanarrativas, uma vez que as teorias não deixam de caracterizar uma sua espécie), que a nova conformação social sob estudo não mais obedece às clássicas leis do capitalismo, notadamente a primazia da produção industrial juntamente com a luta de classes. (Não que se queira dar ao assunto o cansativo, embora necessário, enfoque economicista).

7 MARX, Karl. *The capital*, v. 1, p. 71.

8 CHOMSKY, Noam. *Devie lecture*.

As teorias econômicas, tanto quanto as psicossociológicas ou discursivas, devem ser, ainda que de maneira breve, abordadas em qualquer trabalho que tenha por objeto de análise os conceitos de ética e pós-modernidade.

No atual estágio do desenvolvimento social, é difícil uma definição precisa de homem enquanto objeto de estudo de uma dada teoria. Tal como o fez Marx, que em sua teoria rejeita o mito do *Homo oeconomicus*, ou como o fez Freud, rejeitando a mitificação do *Homo psychologicus*, deve ser rejeitada toda e qualquer tentativa de elaboração do mito de um “homem pós-moderno”, que em última análise encerraria em si toda a justificativa de sua existência, que é de todo miserável pela total perda de articulação, mediação, criatividade e capacidade de interferência na produção do discurso, do qual, em vez de ser um seu co-interlocutor (muito pela legitimação dada pela parcela de poder conferida ao órgão de representação política no qual este mesmo cidadão está inserido), é mero paciente.

5 A BUSCA POR UM NOVO REFERENCIAL

O homem dos nossos dias vive em um mundo do pânico, pela total falta de referenciais próprios. Perante os acontecimentos *fin-de-millennium*, o discurso ético é completamente inócuo ou assume conotação completamente diversa da que possuía há algumas décadas atrás. A inversão valorativa não é, *prima facie*, meramente institucional.

O homem atual tem seus olhos fitos em um horizonte artificial, no qual há a manipulação do que é mais individual pelo coletivo. A sua ansiedade é corporificada na relativização do sexo; no aparente aspecto público dos *shopping centers*, na tentativa de descaracterização pessoal pela busca de uma aparência perfeita; na criação de mundos artificiais (condomínios), onde o indivíduo crescerá alheio às anomalias sociais criadas para satisfazer seu próprio conforto; no desenvolvimento científico de drogas capazes de gerar o bem-estar que a sociedade nem sequer promete.

Essa ansiedade possui dois aspectos interessantes: de um lado, o desaparecimento dos padrões sociais de conduta, com a concomitante incorporação de um culto frenético ao consumismo, em que o aspecto social, em si próprio, passa a ser um campo transparente dos abusos do poder em qualquer espécie; de outro, a dissolução da identidade dos indivíduos, onde o “eu”⁹ passa a ser

- 9 A respeito do assunto, WHITE, Daniel R. and HELLERICH, Gert. *Nietzsche at the Mall: deconstructing the consumer. The Church of the Consumer: The concept of self, especially of the Cartesian cogito, has received a great deal of critical attention from postmodern and neostructuralist theorists. The rational ego is posited as the subject of knowledge in modern science and technology, animating the utopian projects of industrial civilization, and culminating in great urban conglomerates, in theme parks like Epcot Center, as in the sealed universe of commodities which constitutes the omnipresent mall. The selves which in the modernist tradition have become the subjects of knowledge and scientific power were, in the Christian tradition supplanted by modernism, the eternal souls that provided an invariant substratum for the fluctuating experience of human emotion and sense perception, providing a spiritual continuity in the quest for salvation: the stable vehicle bound for the static endpoint (eschaton) of history. That eschaton provided the template on which the modern idea of technological utopia has been modelled, from Bacon through Disney. The Magic Kingdom is, after all, a rarefied and idyllic image of suburbia with synthetic manifestations of American fantasy, from fake presidents to the eternally childlike persona of Peter Pan, both thinly disguised forms of the national self-image of incorruptible innocence. It's as if America wanted to go to heaven so badly that it created its own version of it, with prices accessible to most everyone, improving on Christianity by insuring salvation to anyone for a nominal fee. The mall, a pervasive expression of the same sensibility, provides an environment where the self, transformed from pilgrim or scientist to consumer, can achieve happiness, the realization of dreams, by the purchase of commodities. Thus the original quest for salvation has been transformed into one for consumption without end through the mechanisms of the science, technology and capitalist economy created by the modern cogito: 'I consume therefore I am.' But has the freedom which was originally to be achieved through salvation from sin, and later to be won by the twin revolutions of modernity – the industrial and the political – really been provided by the culture industry of consumer choice? The notion of freedom is based on the concept of the will: it is a characteristic of the will, which is supposedly capable of uncoerced volition. If a consumer 'chooses' to buy a product, is she or he then expressing her or his free will? The advertisers would have us believe it, and many of us have been convinced, at least implicitly accepting the idea that shopping is the good life and inscribing the desiring subject of consumerism into ourselves by our daily practice of mall strolling.*

transformado em um recipiente esvaziado por uma cultura que, apesar de exaurida em seus meios e finalidades, é tecnologicamente desenvolvida.

6 A MORTE DO HOMEM

A despeito de uma das características do cenário pós-moderno ser a “morte do indivíduo”, tal aspecto já havia sido observado por anti-humanistas como Foucault, Althusser e Lacan, embora com uma conotação bem diversa. Tais teóricos desenvolvem um discurso no qual as avaliações são feitas mediante a análise fiel do acontecimento. Alain Badiou, desenvolveu uma ética da verdade que encontra referencial no trabalho feito por Jacques Lacan, em seu seminário de 1959-1960, denominado *Ética da Psicanálise*.

Nesse cenário, entre elucubrações anti-humanistas e o cenário pós-moderno, onde se situa o homem?

O homem, perceptivelmente, se encontra no limite de suas forças, e a grande discussão pós-moderna que tem repercussão no presente trabalho, a qual não deixa de possuir uma nuance jurídica, é sobre a ética dos direitos humanos.

7 DA ÉTICA DOS DIREITOS HUMANOS

O debate ético atual envolve necessariamente uma releitura da extensão e do conteúdo dos direitos humanos no presente estágio de desenvolvimento de nossa sociedade. O homem, nesse contexto, é muito mais um ser vivo ou um ente biológico do que um individualidade autodeterminável.

O *standard* social do conceito de homem em ambientes culturais distintos em cada período histórico – um conceito geral de homem que seja em todas as partes reconhecível, diz que este mesmo homem possuirá determinadas características que merecem reconhecimento universal – denominadas Direitos Humanos.

O debate ético atual é em grande parte encarado sob o prisma “ética dos direitos humanos”.

Especificamente sobre o assunto, como há pouco mencionamos, faz-se hoje uma releitura acerca do tema, tal como nos lembra Alain Badiou:

“Esse retorno à velha doutrina dos direitos naturais do homem está evidentemente ligado ao esboroamento do marxismo revolucionário e de todas as formas de engajamento progressistas que dele dependiam. Desprovidos de todas as marcas coletivas, despossuídos da idéia de um 'sentido da História', não mais podendo esperar uma revolução social, numerosos intelectuais, e com eles grandes setores da opinião pública, ligaram-se, em política, à economia capitalista e à democracia parlamentar. Em 'filosofia', eles redescobriram as virtudes da ideologia permanente de seus adversários da véspera: o idealismo humanitário e a defesa liberal dos direitos, contra todas as coações do engajamento organizado. Em vez de procurar os termos de uma nova política de emancipação coletiva, adotaram, em suma, as máximas da ordem 'ocidental' estabelecida.”¹⁰

O debate se faz fecundo em qualquer aspecto social ou individual, tanto subjetiva quanto objetivamente.

Dessa forma, escolhemos a abordagem acerca de alguns pontos específicos sobre os quais o debate ético é de suma importância, haja vista dizerem respeito diretamente à esfera individual, e também social, dos direitos do indivíduo, como forma de liberdade social plena, de autodeterminação e emancipação e controle. São eles, dentre outros: política, ideologia e tecnologia.

10 BADIOU, Alain. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*, p. 19-20.

8 POLÍTICA – “ÉTICA”?

Vive-se hoje no universo do discurso, no estrito sentido que Habermas empresta ao termo, sendo ele, atualmente, a forma mais incisiva de dominação das massas, consideradas como potencial votante.¹¹

Ao tratar do conceito de política, o faremos de modo não tão profundo, pela própria natureza do presente trabalho, e abordaremos, preliminarmente, noções de sistema, do mundo da vida e da hegemonia cultural.

Os sistemas são o palco da ação estratégica, da racionalidade instrumental, dos objetos. É o lugar onde alguém profere discursos teóricos, alheio a variáveis confusas, o espaço onde as ciências naturais e seus objetos de estudo são encontrados.

A política, tal como objetos cuja análise é semelhante (administração, economia, governo), possui seu próprio sistema de legitimação, em muito viabilizado por uma linguagem privilegiada, inacessível para os não iniciados. Assim como para a maioria da população os conceitos de física quântica ou de *quark* são completamente desconhecidos, para o leigo as minúcias do processo político o são na mesma medida. Aliados que são da realidade tecnicista ou mesmo de um mínimo de conhecimento, a maioria, desconhecendo sequer as palavras, de forma alguma irá entender o discurso.

A breve exposição descreve um simples sistema de valores que traz à tona o processo de operacionalização (ou manipulação) da linguagem por seus termos, formulados como exclusivos. Aspecto interessante que deriva desse mesmo processo limitador é que a maioria das pessoas em várias nações, especificamente no nosso país, expressam um cinismo muito profundo em relação à vida pública ou política. O curioso é ainda ser pensada a vida em uma democracia, uma vez que o ceticismo do mesmo sistema o faz possuir a presunção de

11 COOKE, Maeve. *Language and reason: a study of Habermas pragmatics*.

legítimo, mas cria-se uma casta de cidadãos que se auto-intitulam “apolíticos”¹² por meio de tal processo.

A despeito de tal fato, Foucault demonstra largamente a impossibilidade da existência do “apolítico”, uma vez que poder e política estão em todo lugar: além das meras palavras que falamos, além dos objetos nos quais pensamos. Contudo, tal abordagem não é radicalmente científica como as demais, que se arrogam na tentativa de conformação de um plano lógico, mas não factível.

Dessa forma, as teorizações acerca do discurso, a despeito de sua validade científica, em muito pecam por não descenderem às minúcias do processo de formulação de juízos particulares e da própria comunicação, aspectos por demais simples. Não seria coerente pensar que algumas comunidades não desejam modificações tão profundas que ensejem a elaboração de um discurso próprio, mas sim um mero referencial futuro, ou uma melhora gradativa em tal ou qual setor social? Citando um exemplo atual, não seriam as ações do MST inócuas se meramente discursivas?

Esta, por sua vez, é característica importante da nossa cultura em localizar a esperança no futuro além de uma ação comunicativa. E à luz de tal situação, com respeito ao poder da linguagem do sistema e à cultura do consumismo, entendemos não ser possível aferir uma mudança realmente objetiva e efetiva simplesmente ressuscitando a validade das reivindicações do sistema e de sua cultura. Logo, como é ao leigo perceptível e a nós, ainda em graduação, tal ação comunicativa não existe além de um grupo bem limitado de intelectuais, que se arrogam a possibilidade de erigir uma forma de pensamento superior ao senso comum, mas que, pela causa da coesão de seu plano científico, esquecem do aspecto da simplicidade e da ação concreta. De certa maneira, tais teorias acerca de uma participação política meramente baseada na força do embate entre

12 Os ocidentais se tornaram muito pessimistas no que diz respeito ao um progresso geral das instituições democráticas. Tal pessimismo profundo não é acidental, mas fruto de eventos políticos verdadeiramente terríveis ocorridos na primeira metade do século XX – duas guerras mundiais, o advento do ideário totalitarista e a profanação dos fins do progresso científico –, insurgindo-se contra o homem na forma de armamentos nucleares e de destruição ambiental.

discursos levam em consideração apenas um dado no processo –, a oposição institucionalizada.

Ora, tanto para Foucault como para Heidegger,¹³ o poder (e aqui se encerra o poder político) não é um ente fixo ou uma instituição, mas é encarnado em práticas históricas e sociais. O poder político, então, seria uma complexa situação estratégica em uma sociedade particular. A legitimidade do discurso, institucionalizado ou não, cede seu lugar ao embate de grupos de indivíduos particulares, ou grupos específicos de influências, os quais possuem seus próprios códigos de conduta e ética e cuja resultante visa apaziguar. E o embate existe entre eles, internamente. Catastrófico é, dessa forma, o panorama político do indivíduo isoladamente.

O embate político e todas as suas discussões correlatas não passam atualmente pela esfera individual do “ser biológico”. Cada vez mais é difícil exercer uma *vita ativa* particular, uma vez que, à medida que a população cresce, mais o indivíduo se torna um dado estatístico.

O homem cultivou o peso que agora o esmaga.

9 IDEOLOGIA

Tecnologia, musicalidade, arte, drogas, arquitetura, Deus, lei, feminismo, ufologia, psicanálise, ambientalismo, TV, vaidade... A questão da ideologia não mais passa pelos corredores da busca de um ideal a ser defendido, tal como o foram a Revolução de 1789 e a luta para a libertação do Timor Leste. No âmbito doméstico, a extinção do fenômeno ditatorial aparentemente possui

13 Problems of legitimation in late capitalism. Trans. Thomas Hall. In: CONNERTON, Paul (Ed.). *Critical sociology*. Harmondsworth: Penguin, 1976, p. 330-387. FOUCAULT, M. Politics and the study of discourse. In: BURCHELL, G. Gordon, C., MILLER, P. *The Foucault effect – Studies in governmentality*, p. 53-72.

vinculação à ideologia de autodeterminação das Américas entre 1965 e 1980. Assim como nos lembra Badiou,

“quando os defensores da ideologia 'ética' contemporânea proclamam que o retorno ao Homem e a seus direitos nos livrou das 'abstrações mortais' engendradas pelas 'ideologias', eles zombam do mundo. Ficaríamos felizes se víssemos hoje um cuidado tão constante com as situações concretas, uma atenção tão continuada e tão paciente dirigida ao real, um tempo tão vasto dedicado à inquirição ativa junto às pessoas mais diversas – e mais afastadas, aparentemente, do ambiente comum dos intelectuais – quanto aqueles de que fomos testemunhas entre 1965 e 1980.”¹⁴

Curiosamente, o panorama atual é de releitura dos teóricos do direito natural, uma vez que a prática de uma ética atual dos direitos humanos é a mola mestra do discurso atual do poder central. Criou-se, então, de uns tempos para cá, uma noção artificial de homem, munido de determinadas peculiaridades não representáveis por processos empíricos e que deve ser protegida de um mal (cujo significado é um *a priori*, ou seja, existe um mal preexistente).

Assim foi a religião e assim é o Direito atual, que encontra dificuldade em definir o que é bom, digno e justo; um direito basicamente voltado para uma concepção de mal (perceba-se que o Direito atual é meramente o direito ao “não-mal”, sendo os seus dispositivos, exemplificativamente os constitucionais, que não configuram restrições, mas que ditam as formas de organização do Estado e demais funções políticas, os mais desrespeitados, por não dizerem respeito ao interesse de resguardo imediato do povo a esse mesmo “não-mal”).

14 BADIOU, Alain. *Op. cit.* p.21-22.

Não é de se causar escândalo tal afirmação.

O dilema da pós-modernidade diante da ética dos direitos humanos será limitado, er-tão, ao enquadramento do homem, como ser imortal ou como individualidade biológica, sob o ângulo de uma marginalização cultural, econômica e tecnológica. A verdade se faz presente nas expedições humanitárias, ou intervenções de outros países em zonas de extrema pobreza, criadas pelo próprio sistema de massificação cultural ocidental. “Quem não percebe que essa ética debruçada sobre a miséria do mundo esconde, por trás de seu Homem-vítima, o Homem-bom, o Homem-branco?”¹⁵ Logo, a ética atual não passa, então, de mera apologia ao imperialismo.

10 TECNOLOGIA – DITADURA DOS “CIBERINTELECTUAIS”?

A abordagem do presente subtema não é, e nem poderia deixar de ser, eminentemente tecnicista. O desenvolvimento tecnológico traz consigo uma redefinição das esferas públicas e fomenta o surgimento de uma nova casta de “intelectuais”, sob as mais diversas denominações.

A noção de esfera pública não é separada no presente trabalho da noção de intelectual e da evolução de seu papel desde, *e.g.*, o século XVIII, quando exerciam participação ativa em vários processos sociais, desenvolviam e como enriqueciam o debate político, fomentando a criação partidos políticos cujos ideários eram os mais diversos.¹⁶

Obviamente, no cenário da época, surge efetivamente o conceito de opinião pública, e este podia ser levado em consideração em uma análise social sem tendências.¹⁷

15 BADIOU, Alain. *Op. cit.*, p. 27.

16 HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*, p 35-50.

17 Atualmente, o conceito de opinião pública se confunde com o conteúdo informativo da mídia (agora dominada pelas elites).

Nesse panorama, a esfera pública “democrática” do século XVIII possuía amplo espaço de discussão e incluía jornais, folhetins, uma imprensa independente do controle onipresente do poder estabelecido, cafeterias, livrarias e assembléias públicas, locais profícuos ao debate social.

Nessa sociedade eminentemente burguesa, todavia, cada facção de classe produz um ideário diverso, atraindo para si um discurso próprio, ensejando a formação de especialistas hábeis à sua criação, chamados “intelectuais”. Da mesma forma, as classes oprimidas desenvolveram seus próprios intelectuais insurgentes, lutando por representação nas organizações de classe.¹⁸

Modernamente, o papel do intelectual é conflitado por funções sociais contraditórias. O clássico intelectual crítico, representado por figuras como Marx, Paine, Sartre e Marcuse, existia em função do discurso contra a injustiça e a opressão e outros valores relativos ao processo de “esclarecimento” do indivíduo.¹⁹

O campo de ação crítica do intelectual moderno era o que Habermas,²⁰ cujo ponto de vista agora adotamos, denominava esfera pública do debate democrático, do debate político, e da criação e discussão nos jornais, revistas, panfletos e livros. Obviamente, com o advento da sociedade moderna, houve uma divisão entre o trabalho físico e o mental,²¹ e os intelectuais se tornaram mais especializados no trabalho mental, produzindo e distribuindo ideologias e culturas.

Percebe-se então, hodiernamente, no âmbito da pós-modernidade, que o campo para o debate público se limita – não em termos absolutos – à TV, ao rádio, à Internet e à mídia eletrônica em geral, em detrimento da informação escrita. Tais campos, por sua vez, tendem a ser fechados às críticas e aos cla-

18 HOBBSBAWN, Eric. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*, p. 35-75.

19 KELLNER, Douglas. *Intellectuals: The new public spheres, and techno-politics*. www.noesis.evansville.edu

20 HABERMAS, Jurgen. *Op. cit.*, p. 58.

21 Leia-se intelectual.

mores de uma oposição existente, que geralmente é organizada nas periferias e que, em nível micropolítico, exerce os papéis de mediação e até mesmo de autocomposição de conflitos.

Nesse passo, argumenta-se no sentido de que o uso efetivo da tecnologia é essencial à política contemporânea, e os intelectuais que desejam intervir nas “novas esferas públicas” precisam desenvolver novos meios de comunicação para participar do debate democrático e formar o futuro da sociedade e da cultura. Tais meios, especificamente a tecnomídia, criaram novas esferas públicas e espaços de informação e debate; a participação que contém tanto o potencial de incrementar a democracia e de fazer crescer a disseminação de críticas e idéias progressivas tem, da mesma forma, o potencial para a manipulação, controle social e a promoção de idéias conservacionistas. Contudo, a participação nas novas esferas – ciberespaço democrático – depende da formação de novos intelectuais capazes de absorver novas capacidades e de domar tais novas tecnologias, democratizando-as e desenvolvendo estratégias de ataque à dominação, promovendo a educação e a consciência política.

Kellner nos lembra que

“a revitalização da democracia nas sociedades capitalistas vai requerer uma política da mídia. Assim, tal política envolverá uma estratégia dúplice, no sentido de, primeiramente, democratizar a mídia existente, fazendo-a mais responsável ao interesse público, sua conveniência e necessidade. Nos Estados Unidos, o grupo cão-de-guarda da mídia denominado FAIR (*Fairness and Accuracy in Media*) desenvolveu esta alternativa, criticando a mídia principal por falhar em assumir suas responsabilidades democráticas e jornalísticas”.²²

11 CONCLUSÃO

A presente conjuntura é ambígua, posicionando o mundo desenvolvido entre as eras da modernidade e da chamada pós-modernidade, enquanto pessoas de outras partes do mundo ainda vivem em formas sociais e culturais arcaicas; portanto, o mundo atual é a resultante de três mundos socioculturais distintos: o pré-moderno, o moderno e o pós-moderno.

As rápidas transformações ocorridas neste século, somadas ao desenvolvimento de novas culturas, geraram novos perigos para a humanidade, tal como a potencial perda das tradições modernas do humanismo, do esclarecimento, das tradições sociais, enquanto criaram possibilidades inovadoras, tais como a emergência de novas tecnologias, processos de identificação social e novas lutas políticas.

As velhas teorias, conceitos e modos de pensamento e análise somente progredem na teorização, na análise e mapeamento das resultantes surgidas no processo; carentes que são, vão requerer a implementação de novos modos de pensamento, estratégias, discursos e práticas.

Oxalá o pensamento seja social, as estratégias versem sobre a integração social, os discursos sejam cada vez mais “democráticos e emancipatórios” e as práticas sempre concretas!

12 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADIOU, Alain. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Trad. Antônio Trânsito, Ari Roitman. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

CHOMSKY, Noam. *Devie lecture*. University of Cape Town, May 1997.

22 KELLNER, Douglas. *Op. cit.*

COOKE, Maeve. *Language and reason: a study of Habermas pragmatics*. Cambridge, The MIT Press, 1994.

FOUCAULT, M. Problems of legitimation in late capitalism. Trans. Thomas Hall. In: CONNERTON, Paul. *Critical sociology*. Harmondsworth: Penguin, 1976.

_____. Politics and the study of discourse. In: BURCHELL, G., GORDON, C., MILLER, P. (Ed.). *The Foucault effect – studies in governmentality*. London: Harvester, 1975.

HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Trad. Flávio Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HOBSBAWN, Eric. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. Trad. Irene Hirsch, Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

JAMESON, Fredric. *Postmodernism, or The cultural logic of late capitalism*. Verso, 1991. Cap.I.

KELLNER, Douglas. *Intellectuals: the new public spheres, and techno-politics*. www.noesis.evansville.edu.

LEMKE, J. L. *Theories beyond postmodern scene*. Online Office. www.ucsb.edu/shuttle/cultural.

MARX, Karl. *The capital*. New York, 1978.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 4. ed., São Paulo: Cortez, 1997.

WHITE, Daniel R. and HELLERICH, Gert. *Nietzsche at the Mall: deconstructing the consumer*. University of Central Florida & University of Bremen. www.noesis.evansville.edu. Ethics, politics and history: an interview

with Jürgen Habermas. Conducted by Jean-Marc Ferry. *Philosophy and Social Criticism*, n. 14, 433-39, 1988.

NICHOLSEN, Shierry Weber. *The new conservatism*. Cambridge: MIT Press, 1989.